

## Estamos em greve!

Professores, estudantes, pais e demais profissionais da educação. Uma grande tarefa coloca-se para nós que estamos nas escolas públicas ou que temos nossas filhas e filhos nelas. Neste momento, muitas redes estaduais e municipais de educação entenderam o valor das lutas atuais que sacodem o país e resolveram se mobilizar. As redes estaduais do RN e do MT entraram em greve esta semana e nós temos a rede municipal e estadual do Rio de Janeiro paradas. 15 mil professores do município foram para as ruas nesta segunda! Na assembleia da rede estadual não cabia mais um lugar no auditório de tão cheia que estava! A maioria das escolas parou com apoio de alunos e familiares. Não aguentamos mais os péssimos salários, as horríveis condições de trabalho e as diversas violências cometidas contras alunas e alunos. Como ter uma educação digna para o povo com salas lotadas, escolas fechadas, salários baixos, disciplinas com apenas 50 minutos por turma, supletivos mantidos pela Fundação Roberto Marinho, escolas sem refeitórios, e a educação pensada como uma empresa onde tudo é “meta” e “resultado” econômico? Quem se beneficia com uma educação dessas, onde o aluno e o professor não têm nenhum valor e a escola parece uma prisão ou um depósito de pessoas? Não aceitamos mais essa realidade! Por isso estamos lutando para construir outro presente e outro futuro. Esta greve é para a gente construir uma escola melhor para todas e todos os trabalhadores! Vamos à luta!

### Construir uma greve radical e de todo o povo

Após mais de um ano, conseguimos superar a burocracia do sindicato e votar pela greve nas redes estaduais e municipais de ensino. Uma vitória que articula nossa luta com todas as outras mobilizações que vem estremecendo o país desde o mês de Junho. Estas jornadas mostraram o que os próprios sindicatos, quando surgiram e tocaram as greves mais radicais do país, sabiam: somente com luta, com ação direta – atos de rua, organização por local de trabalho, pressão sobre o governo, confiança apenas na força dos trabalhadores, nenhuma ilusão com as eleições e com a “luta” parlamentar -, podemos conquistar nossos direitos e transformar a vida. Infelizmente, por muitos anos, esta forma de luta foi abandonada por parte da esquerda e um dos principais instrumentos da burocracia foram os sindicatos atrelados ao Estado.

Na grande greve que fizemos em 2011, chegamos a assistir alguns diretores do SEPE fazerem cordão com a PM para impedir que “radicais” tentassem entrar no Fórum (o que se repetiu diversas vezes este ano, inclusive com a criminalização do anarquismo). Na assembleia onde a direção votou pelo fim da greve, confiaram mais no governo e nos acordões com o Estado do que na própria categoria. Durante todo o ano de 2012, esvaziaram a luta para disputar os cargos do sindicato e construir as campanhas eleitorais para os seus partidos, como se um ou dois deputados pudessem mudar alguma coisa. Hoje, felizmente, este pensamento está em queda e foram as ruas que mostraram sua limitação. Da luta e organização do próprio povo já conseguimos reduzir as passagens, reocupar a Aldeia Maracanã, manter a Vila Autódromo, o morro da Indiana, impedir a demolição da escola e todo o complexo do Maracanã, liberar o baile funk nas favelas “pacificadas”, e a cada dia conseguimos mais vitórias. A nossa greve tem que se construir assim: ocupando ruas, praças, mobilizando nas escolas, fazendo assembleias, pressionando o Estado até conquistarmos tudo o que queremos.

Nesse sentido, é preciso mencionar a importante **Ocupação do Palácio Guanabara** realizada pelos professores no dia 12/08 e que está sendo rechaçada e condenada pela maioria da direção do sindicato. Esta ocupação foi muito importante, pois mostrou a coragem dos professores e conseguiu divulgar uma greve – foram quase dez mil compartilhamentos dos vídeos na internet - que tem sido desprezada pela direção do sindicato e que continuaria silenciada se ficasse apenas nas reuniões de gabinete com o governo e deputados. Infelizmente, apesar da valentia demonstrada e da repercussão positiva que teve, quase toda a direção do SEPE – que ficou atrás do cordão da polícia, recusando-se (com a exceção de um diretor) a juntar-se aos professores -

reproduz o discurso do governo baseado na divisão das "pessoas que querem o diálogo" e os "radicais". Mas, como ignorar e reprecender os atos de radicalização se justamente são esses atos que evidenciam o descumprimento, a omissão, o desmantelamento, o corte de direitos advindos de lutas históricas, a negligência às reivindicações e a truculência que o Estado tem feito contra nós? É sempre assim: dividem os "vândalos" dos "ordeiros", mas felizmente o povo que está na rua faz outra distinção: quem está na luta do povo e quem está com o Estado. Sem força não há vitória.

### **A burocracia atrapalha a luta! Assembleias democráticas!**

A burocracia sindical não se mostra apenas nas reuniões com o Estado e na condenação dos "vândalos". Uma das coisas que mais afasta a categoria do sindicato é a forma como as assembleias são conduzidas. Horas de atraso, nenhum respeito com as pessoas que chegam no horário marcado, falas longuíssimas da mesa de reunião e representantes dos seus partidos, enfim, tudo é feito para as trabalhadoras/es não irem à reunião. Novamente isso se deu na última assembleia que teve mais de 1.500 profissionais da educação, lotando o auditório do Instituto da Educação.

A assembleia estava marcada para as 14h, mas os informes só começaram às 16h e terminaram às 17h. As pessoas se espremiavam no auditório e não tinha nem microfone! Por tudo isso, não teve qualquer discussão e foi apenas votado se continuava ou não a greve. Com muito sacrifício, conseguimos com outras/os companheiras/os propor um ato para sexta-feira às 15h em frente ao palácio em "solidariedade às professoras e professores agredidos, contra a violência policial e em defesa da educação pública". Incrivelmente, a maior parte da direção do SEPE votou contra tomando uma lavada da categoria que aprovou o ato. Por fim, ficou uma discussão completamente afastada da vida das pessoas, do cotidiano dos professores, e quase todas e todos foram para as suas casas cheias de palavras guardadas e cansadas de tanto aparelhamento.

### **Romper com o corporativismo sindical: esta luta é do povo**

Além da necessidade de construir a greve com formas radicais de luta, um ponto fundamental deve ser colocado e pautado sempre: o corporativismo deste sindicalismo de Estado. Por muito tempo os sindicatos só se mobilizam e constroem reivindicações corporativistas, que atendem apenas a categorias específicas, como se estas não fossem parte da classe trabalhadora em geral. No caso da educação pública, isto é nítido: **em nenhum dos sete pontos tirados como reivindicação da greve estão presentes, de forma clara e destacada, demandas dos alunos e da comunidade.** Temos que mudar esta lógica já! A escola pública é a escola onde estudam os trabalhadores e seus filhos. **Nossa luta não pode ser só por salário ou só pelos professores e funcionários.** Temos que exigir imediatamente o fim do fechamento de escolas (foram 98 escolas fechadas em 1 ano e meio), a reabertura das escolas fechadas em novos prédios (são milhares de prédios públicos abandonados), o fim dos supletivos como o projeto •Autonomia e o Nova EJA, pelo direito de todas as pessoas cursarem o ensino regular com liberdade e igualdade (atualmente, dependendo da sua idade, você é obrigado a estudar no projeto Autonomia ou no Nova EJA), pelo fim dos convênios com a iniciativa privada e com a Fundação Roberto Marinho – esta, hoje, elabora diversos livros escolares utilizados na rede -, pelo direito a participação da comunidade ao entorno da escola nas suas decisões – planejamento, controle de gastos e recursos, uso do espaço, etc -, pela •ativação dos comitês escola-comunidade. Temos que ter sempre claro que a nossa luta é pela emancipação da classe trabalhadora como um todo e que a educação deve estar a serviço do povo, sempre.